

D. H.
LAWRENCE

O amante
de lady Chatterley

Tradução de
SERGIO FLAKSMAN

Introdução de
DORIS LESSING

Notas de
MICHAEL SQUIRES



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 2006 by Doris Lessing
Copyright das notas © 1999 by Michael Squires
Copyright da cronologia e da nota sobre os textos
© 2006 by Paul Poplawski

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Lady Chatterley's lover

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

TRADUÇÃO DAS BIOGRAFIAS, APÊNDICE,
NOTA SOBRE OS TEXTOS E CRONOLOGIA

Luiz A. de Araújo

PREPARAÇÃO
Sílvia Massimini Felix

REVISÃO
Huendel Viana
Valquíria Della Pozza
Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lawrence, D. H.

O amante de lady Chatterley / D. H. Lawrence;
tradução de Sergio Flaksman; introdução Doris Lessing. —
São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: Lady Chatterley's lover.

ISBN 978-85-63560-09-4

1. Ficção inglesa I. Lessing, Doris. II. Título.

10-12661

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Doris Lessing	7
Nota sobre os textos — Paul Poplawski	39
 O AMANTE DE LADY CHATTERLEY	 43
 A PROPÓSITO DE “O AMANTE DE LADY CHATTERLEY”	 47 ^I
 <i>Cronologia</i>	 51 ⁹
<i>Apêndice</i>	52 ⁵
<i>Notas</i>	54 ^I

Nossa época é essencialmente trágica, por isso nos recusamos a vê-la tragicamente. O cataclismo já aconteceu e nos encontramos em meio às ruínas, começando a construir novos pequenos habitats, a adquirir novas pequenas esperanças. É trabalho difícil: não temos mais pela frente um caminho aberto para o futuro, mas contornamos ou passamos por cima dos obstáculos. Precisamos viver, não importa quantos tenham sido os céus que desabaram.

Era esta mais ou menos a posição de Constance Chatterley. A guerra derrubara o teto sobre sua cabeça. E ela percebera que todos precisamos viver e aprender.

Casou-se com Clifford Chatterley em 1917, quando ele veio passar um mês de folga do exército em casa. Tiveram um mês de lua de mel. Em seguida ele voltou para Flandres,¹ mas foi embarcado de volta para a Inglaterra seis meses depois, mais ou menos em frangalhos. Constance, sua esposa, tinha vinte e três anos; ele, vinte e nove.²

Seu apego à vida foi extraordinário. Não morreu, e seus fragmentos parecem ter readquirido a coesão. Permaneceu dois anos nas mãos dos médicos. Depois disso, pronunciaram sua cura e ele pôde voltar à vida, com a metade inferior do corpo, da cintura para baixo, paralisada para sempre.

Isso aconteceu em 1920. Voltaram, Clifford e Constance, para a casa dele, chamada Wragby Hall, a “sede”

da família. O pai dele morrera, Clifford era agora baronete,³ sir Clifford, e Constance era lady Chatterley. Vieram assumir os cuidados da casa e começar a vida de casados na residência um tanto abandonada da família, com uma renda consideravelmente inadequada. Clifford tinha uma irmã, mas ela partira de casa, e não havia nenhum outro parente próximo. O irmão mais velho morrera na guerra. Aleijado para sempre, sabendo que jamais poderia ter filhos, Clifford voltou para casa nas enfumaçadas Midlands para manter vivo o nome Chatterley enquanto pudesse.

Mas na realidade não estava abatido. Deslocava-se por conta própria numa cadeira de rodas, e mandara adaptar um motor a uma dessas cadeiras móveis de jardim para poder trafegar lentamente em meio aos canteiros e pelo belo parque melancólico que na verdade lhe trazia um imenso orgulho, embora ele afetasse votar-lhe uma certa indiferença.

Tendo sofrido tanto, sua capacidade de sofrer se esgotara até certo ponto. Continuava estranho, alegre e animado, e quase, pode-se dizer, radiante, com seu rosto sanguíneo e saudável e os olhos brilhantes e desafiadores, de um azul muito claro. Tinha ombros largos e fortes, e mãos poderosas. Vestia-se com alfaiates caros de Londres e usava belas gravatas de Bond Street.⁴ Ainda assim, em seu rosto, podia-se ver a expressão alerta, e também a ligeira vaguidão, dos inválidos.

Esteve tão perto de perder a vida que atribuía extremo valor a quanto dela lhe restara. Ficava óbvio, no brilho ansioso dos seus olhos, como se orgulhava de ainda estar vivo depois do grande choque. Mas seus ferimentos foram de tal ordem que alguma coisa dentro dele se extinguiu. Alguns dos seus sentimentos se perderam, deixando uma lacuna inanimada.

Constance, sua mulher, era uma jovem corada com ar de camponesa, macios cabelos castanhos, um corpo

cheio e movimentos lentos, repletos de uma energia incomum. Tinha olhos azuis, grandes e inquietos, e uma voz mansa e suave; parecia ter acabado de chegar de sua aldeia natal.

O que estava muito longe da verdade. Seu pai era o velho sir Malcolm Reid, pintor da Academia Real⁵ bastante conhecido em sua época. Sua mãe fora uma das participantes mais cultas da Sociedade Fabiana⁶ nos seus tempos mais gloriosos, praticamente pré-rafaelitas. Cercadas de artistas e socialistas cultos, Constance e sua irmã Hilda tiveram o que se poderia definir como uma formação esteticamente nada convencional. Viajaram por Paris, Florença e Roma para respirar o mundo da arte, e noutra direção foram levadas a Haia e Berlim para as grandes convenções socialistas, onde oradores discursavam em todas as línguas civilizadas e ninguém se mostrava constrangido.

As duas moças, portanto, desde muito novas não se intimidavam nem um pouco diante da arte ou dos ideais políticos, uma atmosfera natural para elas. Eram ao mesmo tempo cosmopolitas e provincianas, com o provincianismo cosmopolita da arte que sempre acompanha os ideais sociais mais puros.

Foram mandadas para Dresden aos quinze anos de idade, pela música, entre outras coisas. E divertiam-se muito por lá. Viviam soltas em meio aos estudantes, discutiam com os homens questões filosóficas, sociológicas e artísticas, e eram equivalentes aos homens em tudo: só que ainda melhores, pois eram mulheres. E faziam excursões pelas florestas com rapazes vigorosos munidos de violões, tlang-tlang! —, entoavam as canções dos Wandervogel⁷ e eram livres. Livres! Era a grande palavra. À solta no vasto mundo, à solta nas florestas matutinas, com jovens rapazes transbordantes de desejo e dotados de esplêndidas vozes, livres para fazer o que quisessem e, acima de tudo, dizer o que bem entendes-

sem. O que contava mais que tudo eram as conversas, o intercâmbio apaixonado da fala. O amor era apenas um acompanhamento ocasional.

Tanto Hilda quanto Constance tiveram suas primeiras experiências amorosas em torno dos dezoito anos. Os rapazes com quem conversavam com tanta paixão, cantavam com tanta ânsia e acampavam com tamanha liberdade sob as árvores sempre queriam, claro, a conexão amorosa. As jovens tinham muitas dúvidas, mas afinal falava-se tanto dessa coisa, supostamente tão importante. E os rapazes se mostravam tão humildes e suplicantes. Por que então uma jovem não podia portar-se como uma rainha e conceder a ele a dádiva de si mesma?

De maneira que tinham concedido as dádivas de si mesmas, cada uma ao rapaz com quem tinha as discussões mais íntimas e sutis. As conversas, as discussões, eram o que importava: o amor físico, a conexão, era apenas uma espécie de reversão primitiva, e em boa parte um anticlímax. Depois dela, sentiam-se bem menos apaixonadas pelo rapaz e até um pouco inclinadas a odiá-lo, como se ele tivesse violado a privacidade e a liberdade interior de cada uma. Pois obviamente, no caso das moças, toda a dignidade, todo o sentido da vida, consistia na conquista de uma liberdade absoluta, perfeita, pura e majestática. O que mais podia significar a vida de uma jovem? Desembaraçar-se das antigas e sórdidas conexões e submissões.

E, por mais que se pudesse sentimentalizá-la, toda essa história de sexo era uma das conexões e submissões mais sórdidas e antigas que existiam. Os poetas que a glorificaram eram quase todos homens. As mulheres sempre souberam que existia uma coisa melhor e mais elevada. E agora sabiam disso mais definitivamente que nunca. A linda e pura liberdade da mulher era infinitamente mais magnífica que qualquer amor sexual. A única dificuldade é que nessa matéria os homens estavam

muito mais atrasados que as mulheres. E faziam questão da coisa do sexo, como cães.

E a mulher tinha de ceder. O homem era como uma criança, com seus apetites. A mulher tinha de conceder o que o homem queria ou o mais provável era que ele, igual a uma criança, perdesse o controle, debatendo-se pelo chão e arruinando o que sempre tinha sido uma ligação muito agradável. Mas a mulher podia ceder sem entregar ao homem o que ela possuía de mais interior e de mais livre. Que os poetas e os que falavam tanto sobre sexo não pareciam levar na devida conta. A mulher podia aceitar um homem sem na verdade entregar-se a ele. E certamente podia aceitá-lo sem se entregar ao seu poder. Em vez disso, podia usar essa coisa do sexo para adquirir poder sobre ele. Pois bastava ela se conter na relação sexual, deixá-lo acabar e esgotar-se sem chegar ela própria à crise, para em seguida prolongar a conexão e chegar a seu orgasmo e sua crise tendo-o como um simples instrumento.

As irmãs já haviam tido suas experiências amorosas quando a guerra chegou e precisaram voltar às pressas para a Inglaterra. Nenhuma das duas jamais se apaixonara por um rapaz a menos que os dois estivessem verbalmente muito próximos: melhor dizendo, a menos que estivessem profundamente interessados, *conversando* muito um com o outro. A emoção extraordinária, profunda e inacreditável que podia haver em conversas apaixonadas com um jovem realmente inteligente, por muitas horas, retomada dia após dia — disto elas só foram saber quando lhes aconteceu. A promessa desse paraíso: Terás homens com quem conversar! jamais fora proferida. Mas cumpriu-se antes que soubessem o quanto era preciosa.

E se, depois da intimidade despertada por essas conversas animadas que iluminavam a alma, a coisa do sexo se tornava mais ou menos inevitável, então que as-

sim fosse. Era sempre a forma de assinalar o fim de um capítulo. E também tinha seu apelo: um estranho apelo que vibrava no fundo do corpo, um espasmo final de autoafirmação, como a última palavra, estimulante, e muito parecida com a linha de asteriscos que podem ser usados para demonstrar o final de um parágrafo e uma guinada no tema.

Quando as moças vieram à Inglaterra para as férias de verão de 1913, época em que Hilda tinha vinte anos e Constance, dezoito, o pai das duas percebeu claramente que haviam tido a experiência amorosa. *L'amour avait passé par là*,⁸ como disse alguém. Mas ele próprio era um homem experiente e deixou a vida seguir seu curso. Já a mãe, inválida e muito nervosa nos últimos meses de vida, só desejava que as filhas fossem “livres” e “realizadas”. Ela própria jamais conseguira ser totalmente ela mesma, isso lhe fora negado. Sabe-se lá por que, pois tinha renda própria e era dona do seu nariz. Para ela, a culpa era do marido. Mas a verdadeira culpada era alguma antiga impressão de autoridade deixada em seu espírito ou em sua alma, de que não conseguia libertar-se. E isso nada tinha a ver com sir Malcolm, que sempre deixava a mulher, nervosamente hostil e muito agitada, cuidar como quisesse dos seus domínios, enquanto ele seguia seu próprio caminho.

De maneira que as moças eram “livres”, e voltaram para Dresden, para a música, a universidade e os rapazes. Adoravam seus respectivos rapazes, e seus respectivos rapazes as adoravam com toda a paixão da atração mental. Todas as coisas maravilhosas que aqueles rapazes pensavam, diziam e escreviam, pensavam, diziam e escreviam para as duas moças. O rapaz de Connie era musical, o de Hilda era técnico. Mas simplesmente viam para suas jovens. No espírito e na excitação mental das duas, bem entendido. Noutras partes não eram tão bem-aceitos, embora não soubessem disso.

Era óbvio neles também que o amor passara por ali: melhor dizendo, a experiência física. É curiosa a transmutação sutil mas inconfundível que ela opera, tanto no corpo das mulheres como no dos homens: a mulher mais florida, mais sutilmente arredondada, com as angularidades da juventude atenuadas e a expressão ansiosa ou triunfante: o homem muito mais calado, mais introspectivo, os próprios contornos de seus ombros e suas nádegas menos assertivos, mais hesitantes.

Na emoção propriamente sexual no interior do corpo, as duas irmãs quase sucumbiram ao estranho poder masculino. Mas em pouco tempo se recuperaram, entenderam aquilo como mais uma sensação e permaneceram livres. Enquanto os homens, gratos pela experiência sexual, entregaram a elas suas almas. E depois ficaram com aquela expressão de quem perde algum dinheiro mas em seguida recupera metade da quantia. O homem de Connie às vezes era um tanto cismado, e o de Hilda um pouco zombeteiro. Mas os homens são assim! Ingratos e nunca satisfeitos. Quando você não os aceita eles a detestam, e quando você os aceita eles a detestam assim mesmo, por algum outro motivo. Ou por motivo nenhum além do simples fato de que são sempre meninos descontentes, jamais satisfeitos com o que conseguem, faça a mulher o que fizer.

Entretanto, começou a guerra. Hilda e Connie foram trazidas às pressas de volta para casa — depois de já terem vindo passar algum tempo na Inglaterra em maio, para o enterro da mãe. Antes do Natal de 1914 seus rapazes alemães já tinham morrido: as irmãs choraram e amaram apaixonadamente os dois rapazes, mas no fundo esqueceram-se deles. Simplesmente não existiam mais.

As irmãs foram morar na casa do pai — na realidade da mãe — em Kensington,⁹ e conviviam com o grupo de jovens de Cambridge, o grupo apegado à “liberdade”, às calças de flanela, às camisas de colarinho desabotoado,

a uma espécie de anarquia emocional bem-nascida, a um tom de voz sempre suave e murmurante e a um comportamento ultrasensível. Hilda, todavia, casou-se de uma hora para outra com um homem dez anos mais velho que ela, membro antigo do mesmo grupo de Cambridge, homem com bastante dinheiro e um confortável emprego público assegurado por parentesco: também escrevia ensaios filosóficos. Foram morar juntos numa pequena casa em Westminster,¹⁰ e frequentavam o tipo de boa sociedade de funcionários do governo que não figuram no alto da pirâmide mas são, ou seriam, o *verdadeiro* poder inteligente do país: as pessoas que sabem do que falam: ou falam como se soubessem.

Connie fazia um trabalho leve como parte do esforço de guerra, e convivia com os intransigentes de Cambridge de calças de flanela que continuavam a zombar delicadamente de tudo, até então. Seu “amigo” era um certo Clifford Chatterley, um jovem de vinte e dois anos que voltara às pressas de Bonn,¹¹ onde estudava aspectos técnicos da mineração de carvão. Antes passara dois anos em Cambridge. Agora tornara-se primeiro-tenente de um regimento vistoso, de maneira que podia rir de tudo ainda mais elegante, de uniforme.

Clifford Chatterley era de classe mais alta que Connie. Ela pertencia à *intelligentsia* bem de vida, mas ele vinha da aristocracia. Não alta, mas ainda assim autêntica. Seu pai era baronete, sua falecida mãe era filha de um visconde.

Mas Clifford, embora de nascimento mais alto que Connie e mais bem situado na sociedade, era a seu modo mais tímido e provinciano. Sentia-se perfeitamente à vontade no círculo exíguo do “*grand monde*” — ou seja, a sociedade dos aristocratas donos de terras —, mas se mostrava embaraçado e nervoso diante daquele outro grande mundo formado pelas vastas hordas das classes médias e baixas, além dos estrangeiros. Na verdade, sen-

tia um certo medo das vastas hordas da humanidade de classe média ou baixa e dos estrangeiros que não pertencessem à mesma classe que ele. Tinha uma consciência quase paralisante de sua própria vulnerabilidade, embora contasse com todas as defesas do privilégio. O que é curioso, mas um fenômeno do nosso tempo.

E eis por que a peculiar e suave segurança de uma jovem como Constance Reid o deixou fascinado. Ela era tão mais senhora de si, no caos daquele mundo exterior, do que ele conseguia ser.

Ainda assim, também ele era um rebelde: rebelado inclusive contra sua própria classe. Ou talvez rebelde seja uma palavra forte demais; forte além da conta. Apenas aderiria à aversão, generalizada e tão em voga entre os jovens, pelas convenções e qualquer tipo de verdadeira autoridade. Todo pai era ridículo: o dele, tão obstinado, o mais ridículo de todos. E todo governo era ridículo: especialmente do tipo que temos, sempre esperando para ver o que acontece. E todo exército era ridículo, e todo general velho e incompetente: especialmente o rubicundo Kitchener.¹² Até a guerra era ridícula, embora matasse de fato muita gente.

Na verdade tudo era um pouco ridículo, ou muito ridículo: e sem dúvida tudo que tivesse a ver com a autoridade, fosse no governo, no exército ou nas universidades, também era ridículo até certo ponto. E à medida que a classe governante tinha alguma pretensão de governar, era ridícula também. Sir Geoffrey, o pai de Clifford, era intensamente ridículo, abatendo suas árvores e escolhendo, entre seus mineiros, homens que empurrava para a guerra; enquanto ele próprio se mantinha a salvo e intensamente patriótico; por outro lado, gastando com seu país mais dinheiro do que na verdade possuía.

Quando a srta. Chatterley — Emma — saiu das Midlands e veio para Londres trabalhar algum tempo como enfermeira, gracejava muito de forma discreta sobre sir

Geoffrey e seu renitente patriotismo. Herbert, o irmão mais velho e herdeiro, ria francamente do pai, embora fossem suas as árvores abatidas e transformadas em esteios de trincheira. Mas Clifford se limitava a sorrir com um certo desconforto. Tudo era ridículo, é bem verdade. Mas, quando a coisa era assim tão próxima, e a própria pessoa também caía no ridículo? Pelo menos as pessoas de classe diferente, como Connie, levavam *algo* a sério. Acreditavam em alguma coisa.

Falavam com grande seriedade dos soldados rasos, da ameaça do recrutamento¹³ e da escassez de açúcar e doces para as crianças. Em todos esses casos, evidentemente, as autoridades eram culpadas da maneira mais ridícula. Mas Clifford não conseguia levar aquilo a sério. Para ele, as autoridades eram ridículas *ab ovo*, não por causa dos doces ou dos soldados rasos.

E as autoridades sentiam-se ridículas, comportavam-se de maneira consideravelmente ridícula e, por algum tempo, tudo parecia um chá organizado pelo Chapeleiro Louco.¹⁴ Até as coisas mudarem por lá, e Lloyd George aparecer na Inglaterra para salvar a situação.¹⁵ Que era muito mais grave que ridícula. Os jovens petulantes não riam mais.

Em 1916 Herbert Chatterley foi morto, e Clifford se tornou o herdeiro. Mesmo isso o deixava aterrorizado. Sua importância como filho de sir Geoffrey, e filho de Wragby, a sede da família, fora-lhe inculcida a tal ponto que Clifford jamais poderia livrar-se dela. Entretanto, sabia que isso também, aos olhos do mundo vasto e febril, era ridículo. Agora ele era o herdeiro e responsável por Wragby, a velha Wragby. Não era uma coisa terrível? E também esplêndida, ao mesmo tempo esplêndida! e ao mesmo tempo, talvez, puramente absurda.

Mas sir Geoffrey não queria saber de absurdo nenhum. Vivia pálido e tenso, totalmente ensimesmado e obstinadamente decidido a salvar seu país e sua própria

posição, fosse sob as ordens de Lloyd George ou de qualquer outro. Vivia tão distante, tão divorciado da Inglaterra que era realmente a Inglaterra, tão absolutamente incapacitado, que tinha Horatio Bottomley¹⁶ em boa conta. Sir Geoffrey defendia a Inglaterra e Lloyd George como os seus antepassados haviam defendido a Inglaterra e São Jorge; e jamais cogitou que pudesse haver alguma diferença. De maneira que sir Geoffrey derrubava suas árvores e se erguia em defesa de Lloyd George e a Inglaterra, a Inglaterra e Lloyd George.

E queria que Clifford se casasse e produzisse um herdeiro. Clifford achava o pai um anacronismo sem remédio. Mas, no que ele próprio era mais atualizado, exceto naquela consciência contraída do ridículo de tudo — e do ridículo insuperável de sua própria posição? Já que, mesmo a contragosto, encarava Wragby e seu título de baronete com a mais profunda seriedade.

A animação mais alegre do início desaparecera da guerra — estava morta. Morte e horror além da conta. Um homem precisa de apoio e consolo. Um homem precisa de uma âncora num mundo seguro. Um homem precisa de uma esposa.

Os Chatterley, dois irmãos e uma irmã, viviam até então num isolamento singular, encerrados em Wragby Hall apesar de todas as relações que mantinham. A sensação de isolamento intensificava a ligação familiar, a consciência da fragilidade da posição dos três, a consciência de sua vulnerabilidade, a despeito, ou talvez por causa, de seu título de nobreza e da terra que possuíam. Viviam sem contato direto com a região fabril das Midlands em que moravam. E sem contato direto com sua própria classe, por força da natureza introvertida, obstinada e muda de sir Geoffrey, o pai deles, que ridicularizavam mas ao qual mostravam-se muito suscetíveis.

Os três haviam decidido que morariam juntos para sempre. Mas agora Herbert estava morto e sir Geoffrey

queria que Clifford se casasse. Sir Geoffrey praticamente não tocou no assunto: falava muito pouco. Mas a insistência silenciosa com que remoía esse seu desejo era tão intensa que Clifford não teve como resistir.

Mas Emma disse “Não!”. Era dez anos mais velha que Clifford, e sentia que, se ele se casasse, aquilo equivaleria a uma deserção, a uma traição ao que os jovens da família sempre tinham defendido.

Clifford casou-se com Connie, ainda assim, e viveu com ela seu mês de lua de mel. Corria o terrível ano de 1917, e viveram a intimidade de duas pessoas que se veem juntas num navio que naufraga. Clifford era virgem quando se casou, e a coisa do sexo não significava muito para ele. Eram tão próximos, ele e ela, tirando isso. E Connie exultava um pouco com essa intimidade, que ia além do sexo e da “satisfação” do homem. Clifford, de qualquer maneira, não fazia tanta questão da “satisfação” quanto os outros homens pareciam fazer. Não, a intimidade entre eles era mais profunda, mais pessoal que isso. E o sexo era um mero acidente, ou um acessório: um desses curiosos e obsoletos processos orgânicos que persistem em embaraçar-nos, embora na verdade desnecessários. Ainda que Connie, na verdade, *quisesse* filhos: mesmo que apenas para se fortaceler perante a cunhada, Emma.

Mas no início de 1918 Clifford foi embarcado de volta para casa em frangalhos, e nunca houve filho algum. E sir Geoffrey morreu de desgosto.